



## **Utopia ou anti-babel - refletindo sobre língua e informação<sup>1</sup>**

Vinícius Werneck Barbosa Diniz<sup>2</sup>

Aluno da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora; bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET-Facom)

### **Resumo**

O presente artigo estuda a tese de Claude Piron de que a comunicação lingüística internacional apresenta uma gestão patológica. A escolha feita por parte da sociedade pelo processo comunicacional ora vigente iria de encontro aos pressupostos da lógica formal, da economia, do pragmatismo, sendo portadora de argumentos não sustentáveis. Considerada a linguagem um código comunicativo responsável pelos mecanismos de argumentar, convencer, relatar –, a atual discussão se coloca de forma indireta como fundamental para o fazer jornalístico. O atual artigo possui caráter preliminar, servindo, futuramente, de base para tal discussão.

### **Palavras-chave**

Comunicação Internacional; Lingüística; Esperanto

### **1 – Introdução**

O presente artigo tem caráter preliminar e objetivo de estudar a teoria do psicólogo suíço Claude Piron, de que a gestão da *comunicação lingüística internacional* é patológica. Além disso, procura firmar as bases teóricas, para, em um próximo artigo, estabelecer os possíveis sintomas detectáveis para a atividade jornalística. Tradutor nas Nações Unidas (ONU) de 1956 a 1961 (do francês para o inglês, chinês, espanhol e russo) e funcionário da Organização Mundial de Saúde (OMS) na Ásia e África, Piron lecionou na Faculdade de Psicologia e na Faculdade de Educação da Universidade de Genebra, de 1973 e 1994, sendo também autor do livro “O desafio das línguas - Da má gestão ao bom senso” – base teórica principal. Como obra complementar, utilizamos a tese de doutoramento em lingüística na UFRJ de José Passini – ex-professor na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Teoria e Metodologia da Comunicação, do XII Congresso da Comunicação na Região Sudeste e V Encontro Regional de Comunicação

<sup>2</sup> O graduando é bolsista do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Comunicação da UFJF. Apresentou um artigo em companhia do professor Dr. Paulo Roberto Figueira Leal chamado “Subtextos Ideológicos dos discursos eleitorais: o caso da campanha municipal de Juiz de Fora em 2004” no II Enrecom e na Mostra de Graduação da UFJF, quando ganhou Menção Honrosa. Posteriormente esse artigo foi publicado no livro “Identidades políticas e personagens televisivos” (CORIFEU). E-mail: viniciusdiniz@gmail.com



Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora e também ex-reitor dessa universidade, - “Bilingüismo: utopia ou anti-babel?”.

Tendo em vista o título da obra de Piron, vale lembrar que a contemporaneidade é marcada, em diferentes arenas da vida psicológica e social, pela expressão “patológica”. Psicólogos, sociólogos e tantos outros especialistas cada vez mais designam determinados comportamentos – individuais ou coletivos – a partir dessa chave semântica. Também os estudos da linguagem apresentam com maior intensidade este conceito.

Mas, afinal, o que é patológico? Como sugere a boa prática epistemológica, é fundamental que primeiro conceituemos “patologia” para que somente após se estabeleça qualquer discussão teórica e científica. O pesquisador suíço Piron (2002) exemplifica escolhas patológicas na organização lingüística internacional:

Se um indivíduo escolhe sem razão um modo de ação inutilmente penoso, gasta uma fortuna para adquirir aquilo que está gratuitamente à sua disposição, recusa *a priori* informar-se sobre os meios eficazes de atingir seu objetivo e foge a toda reflexão sobre sua maneira de agir, se dirá coloquialmente que algo em seu comportamento não bate muito bem. Se, além disso, sua predileção por esforços desencorajadores e processos complicados leva a um resultado medíocre, ao passo que um vizinho obtém resultados de excelente qualidade por um método simples e agradável, fácil de adotar de pronto, não mais se hesitará falar de masoquismo. Nós não pensamos nisso nem um pouco, mas a organização da *comunicação lingüística internacional* faz jus ao mesmo diagnóstico. Ela é patológica (PIRON, 2002, 7).

O autor estabelece alguns pressupostos a fim de se considerar alguma conduta patológica:

1. Escolher um modo de ação inutilmente penoso.
2. Não ter motivo para fazê-lo.
3. Gastar uma imensa quantia em tempo, dinheiro e esforço intelectual ou físico para ter aquilo que pode ser conseguido em pouco tempo, com pouco dinheiro e ínfimo esforço intelectual ou físico.
4. Recusar-se, *a priori*, a informar-se sobre os meios disponíveis para se alcançar os objetivos.
5. Fugir à reflexão sobre a maneira de agir.
6. Grandes esforços têm resultados medíocres.

A *comunicação lingüística internacional* atenderia a esses pressupostos, conforme veremos abaixo, configurando-se como patológica. Considerando a existência



de outra possibilidade comunicacional mais lógica e eficiente (por exemplo, o ensino regular e a prática de línguas que se pretendem universalistas), por que os estados nacionais evitam informar suas populações sobre elas?

Piron lista algumas possibilidades: 1) Má vontade; 2) Incompetência; 3) Política deliberada; 4) Medo de realidade renovadoras; 5) Uma neurose. A título de hipótese, o pesquisador suíço optou pela quinta possibilidade.

O termo *neurose*, cunhado pelo médico escocês William Cullen em 1769 e popularizado por Philippe Pinel em 1785, resulta para Sigmund Freud de um mecanismo de defesa contra a angústia e de uma formação de compromisso entre essa defesa e a possível realização de um desejo (PLON; ROUDINESCO, 1998, 534 a 536). “Com o desenvolvimento da psicanálise, o conceito evoluiu, até finalmente encontrar lugar no interior de uma estrutura tripartite, ao lado da psicose e da perversão” (PLON; ROUDINESCO, 1998, 535).

Por se tratar, segundo Claude Piron, de uma entidade sócio-patológica, a patologia detectada na gestão lingüística internacional foi nomeada “síndrome de Babel”. Remete-se à história bíblica da Torre de Babel, em que se instaurou a confusão das línguas, dividindo os homens. Para Piron, a patologia não está na multiplicidade das línguas, mas na recusa em se comunicar com o outro.

## **2- Grandes esforços, resultados medíocre**

Em 1956 foi proferido um discurso na Oitava Sessão Plenária do Comitê Central do POUP (*Parti Ouvrier Unifié Polonais*), na Varsóvia, por Gomulka, no qual comentava-se a organização econômica do ex-bloco soviético. Segundo ele, foi instalada uma fábrica de automóveis em Zeran, com imenso dispêndio de capital. Com um custo “que desafia toda imaginação”, a fábrica “produz um número insignificante de veículos, os quais consomem quantidades assustadoras de combustível” (PIRON, 2002, 7).

A comunicação também pode ser descrita de forma semelhante.

Nós organizamos ao redor do mundo um ensino escolar de línguas no qual investimos, ano após ano, capitais enormes. Viu-se edificar um sistema de ensino que, a um preço de custo com amplitude tal que desafia toda imaginação, produz um número insignificante de políglotas. A comunicação internacional em muitas situações não funciona; onde ela funciona (de maneira medíocre), ela consome montantes assustadores, injetados na tradução, na interpretação simultânea, no secretariado multilíngüe



e na reprodução de obras e documentos em dezenas e dezenas de línguas. (PIRON, 2002, 8)

Não é difícil compreender que o sistema de comunicação internacional gera resultados ínfimos, frente ao investido mundialmente. Não é complicado também entender que a maioria dos estudantes de inglês, mesmo com uma década de estudos, não é capaz de ler com tranquilidade obras sem adaptação, ou ouvir uma música compreendendo toda a letra, ou ver um canal internacional de jornalismo (como a CNN) entendendo com segurança todas as informações.

Muito menos pode um estudante que nunca viajou ao exterior, mesmo com 10 anos de curso, entrar em um debate sobre questão grave em algum congresso internacional, e debater em inglês com um nativo desta língua em pé de igualdade. Os detalhes da língua, a pronúncia, o vocabulário e as estratégias argumentativas não serão tão facilmente acessíveis a este estudante hipotético, como seriam em sua língua materna. Por isso, além de injusta, a *comunicação lingüística internacional* é ineficiente. Sendo assim, por que tão raramente ocorre alguma reflexão sobre os motivos de adotarmos esse modelo?

### **3 – Recusa apriorística a informar-se sobre caminhos disponíveis**

Conforme o psicólogo suíço, há mesmo uma recusa sistemática a informar-se dos caminhos disponíveis. A despeito dessa insuficiente relação custo-benefício, a sociedade está tão acostumada com a idéia de que o processo comunicativo atual é o único – ou ao menos o mais eficiente –, que não procura refletir sobre o *status quo* desse processo penoso, intelectual e financeiramente.

Os custos de tradução são inimagináveis para um cidadão medianamente informado. Apenas no âmbito da União Européia (UE) emprega-se “em torno de 3.000 tradutores e 700 intérpretes-funcionários, além de 2500 intérpretes independentes” (PIRON, 2002, 33).

Em 1989, a UE gastou 1,6 bilhão de dólares com o suporte plurilingüístico. Cada palavra traduzida ficava em torno de 36 centavos de dólar, tendo o valor dobrado em dez anos. Lá se traduzem três milhões e seiscentas mil palavras por dia, gerando 1,2 milhão de dólares *quotidianamente* em gastos. (PIRON, 2002, 33 e 34)



Um relatório da ONU destaca: “Uma organização utilizando sete línguas deve poder assegurar a tradução para as 42 combinações de línguas, ao que se deve acrescentar a tradução ocasional a partir de outros idiomas” (ONU, par. 37 *apud* PIRON, 2002, 34).

Nos órgãos internacionais, a despesa gerada com o suporte multilíngüe é assustadoramente alta. Onze por cento do orçamento da Unesco é utilizado para este fim. Essa proporção atinge 23% na Organização Intergovernamental Consultiva da Navegação Marítima, 26,8% na Organização da Aviação Civil Internacional e  $\frac{3}{4}$  (sic) do orçamento do Parlamento Europeu (PIRON, 2002, 38).

O custo para a sociedade do sistema atualmente imputado às relações internacionais é muito alto, considerando-se a utilidade que esse dinheiro teria em outros campos. Em um pronunciamento proferido por Sir John Wilson, presidente da Organização Mundial Contra a Cegueira, solicitou-se ajuda para um programa que impediria milhões de crianças de ficarem cegas, graças, principalmente, à xerofthalmia.

Proteger essas crianças não custaria mais do que 12 centavos de dólar por criança ao ano. O programa foi recusado. Cada palavra traduzida, entretanto, valia 36 centavos de dólar. Nessa mesma reunião, foi aprovado o acréscimo do árabe e do chinês como línguas de trabalho. A adoção das línguas, conforme advertência do diretor geral do órgão da Organização Mundial da Saúde (OMS), custaria, por ano, 5 milhões de dólares (PIRON, 2002, 40 e 41).

Ainda que os argumentos quanto à falência do modelo vigente de *comunicação lingüística internacional* se revelem ao leitor do artigo ilógicos ou não pertinentes, esperamos que as prioridades quanto aos investimentos de ordem financeira e intelectual possam ser revistos e repensados, com profundidade e seriedade.

#### **4 – Gastar muito, enquanto se poderia gastar muito pouco**

Piron fornece no livro um exemplo - já utilizado por ele mesmo na revista científica *Action et Pensée* -, para demonstrar mais claramente o aspecto patológico do funcionamento da sociedade. Considero a analogia como a *metáfora dos viajantes*.

Imagine a situação seguinte. Três pessoas estabelecidas uma em Londres, outra em Paris, e a terceira em Berlim têm para discutir um assunto confidencial da mais alta importância. Uma secretária sugere a um dos três um encontro em Bruxelas, mas, para sua grande surpresa, as pessoas presentes não demoram a ridicularizá-

la e a impor-lhe silêncio: ‘Cala-se! Nós não levamos em conta nenhuma solução que não seja séria. (...)’. A jovem desiste consternada, (...). E contrariando todo bom senso, o parisiense parte para Montevidéu, o londrino para Washington e o berlinense para Pequim. A discussão se faz por telefone, de seus respectivos hotéis. A comunicação não é excelente, custa caro, e terá representado para os protagonistas despesas consideráveis e uma perda de tempo que teria sido fácil de evitar. Visto que não havia qualquer razão para escolher aquelas capitais em lugar de uma cidade européia, e que suas longas viagens, longe de lhes proporcionarem prazer, complicaram-lhes a vida, foi aberrante proceder daquela maneira, sobretudo se considerarmos que a solução consistindo em se encontrarem numa mesma cidade, relativamente próxima, jamais foi *considerada!* Esse caso hipotético parece tão inverossímil que ninguém o acreditará possível. Tal é contudo o comportamento de nossa sociedade no domínio da comunicação lingüística (PIRON, 2002, 9).

E o autor procede com uma relação, entre o caso inverossímil para uns, relatado acima, e a *comunicação lingüística internacional*.

Eis aqui três cientistas, um finlandês, um checo e um ruandês, que participaram de uma pesquisa em comum (...). Quando eles se encontram em Genebra para confrontar seus resultados, verifica-se que o finlandês passou 8 anos de sua escolaridade, à razão de cinco horas por semana para aprender um inglês que ele domina mal. O checo consagrou um tempo ainda mais considerável a debater-se com os idiomas alemão e russo. Quanto ao ruandês, ele despendeu uma energia fantástica para assimilar a língua francesa, com todas aquelas sutilezas que suscitam tantas perguntas sem resposta aos alunos estrangeiros.

Após a analogia, o psicólogo francês reflete sobre as conseqüências imediatas de tal situação.

No momento em que esses três especialistas reúnem-se na sede de sua organização, suas 1200 a 1500 horas de língua, às quais se deve somar o tempo gasto em casa para fazer os exercícios ou para memorizar vocabulários e regras de gramática, revelam-se totalmente inúteis. Para que eles possam comunicar-se, serão necessários seis intérpretes e um técnico, cujas formações terão custado também elas à sociedade um número desmesurado de horas de ensino. (...) Ora, para um investimento tão impressionante, os resultados são mais que medíocres. Os parceiros estão longe de dominar a língua que utilizam. Eles falam num microfone e escutam uma voz diferente daquela de seu verdadeiro interlocutor. A comunicação é de uma eficácia limitada (...). Os relatórios de pesquisa tiveram que ser traduzidos



em termos gerais e encerram alguns contra-sensos. Na pausa do café, no jantar ou se quiserem fazer alguma atividade externa, esses especialistas nada se podem dizer: suas trocas limitam-se a gestos e onomatopéias. Eles são reduzidos a se comportarem como deficientes, vítimas de um icto cerebral, ou como surdos-mudos que não aprenderam a linguagem dos sinais. (PIRON, 2002, 10)

A patologia situar-se-ia não no tocante às pessoas, mas no âmbito da sociedade. Sabendo-se que há gasto além do necessário, qual o motivo de esta conclusão não gerar alguma modificação? Sabendo-se, sobretudo, que este gasto excessivo - além de dispensável - é, em relação de alteridade, co-responsável pela ausência de investimento em áreas mais sensíveis da sociedade, como pode esta olvidar a discussão do presente tópico?

“De acordo com a ONU, 40 mil crianças morrem *por dia* de diarreia ou outras doenças devidas à ingestão de água que não atende às normas de higiene” (PIRON, 2002, 43). Um pacote de TRO (terapia por reidratação oral), suficiente para salvar uma criança da morte, não custa mais do que 12 centavos de dólar. Por 17 centavos, produz-se a vacina contra a rubéola. Por 5 centavos de dólar, protege-se a criança da tuberculose. Por 10, vacina-se uma criança contra o tétano, a difteria e a coqueluche. Por 350 dólares, pode-se alimentar 70 crianças de um orfanato no Vietnã ao longo de um mês. Esse “é o custo de 1200 palavras traduzidas nas instâncias européias de Bruxelas: duas páginas com espaço simples” (PIRON, 2002, 43).

## 5 – Dúvida pertinente

Neste ponto da argumentação intensifica-se uma dúvida. Há de fato outra forma de comunicação mais lógica, que conduziria a uma gestão não patológica? Não havendo alternativa mais bem estruturada, a gestão comunicativa atual não poderia sequer ser qualificada como patológica, pois não seria uma escolha irracional pelo caminho *menos lógico*, visto que seria ou a escolha pelo *único* caminho ou mesmo pelo *melhor*.

Vamos utilizar a *metáfora dos viajantes* para estudar as alternativas para a *comunicação lingüística internacional*. As possibilidades de estruturação seriam:



1. Multilingüismo em alguns casos e outro idioma como língua internacional em outros. (atualmente o inglês cumpre esse papel)

2. Multilingüismo sem prioridade para língua alguma.

3. Bilingüismo. Uma língua seria escolhida e aprendida por todos os povos, além da própria língua materna.

A primeira possibilidade foi sinteticamente estudada na parte anterior do artigo, demonstrando-se improdutiva, ineficiente, mesmo ilógica. Os custos de tal sistema são elevadíssimos, e a eles ainda devemos agregar o demérito de priorizar uma língua (atualmente o inglês), pelos malefícios que isso traz em termos de dominação cultural e econômica. Mais detalhes serão expostos no terceiro tópico. O multilingüismo sem prioridade para qualquer língua materna específica (possibilidade 2) permanece com o alto custo e todos os problemas derivados dele.

De acordo com a *metáfora dos viajantes*, é como se os três viajantes, saindo de suas cidades, fossem para três outras diferentes, ainda permanecendo à distância. Esse sistema não aproxima, visto que as línguas não se contam às dezenas, mas sim aos milhares, enquanto os grandes políglotas (e estes, sim, se contam em unidades) não conseguem ultrapassar uma centena de línguas.

Quando falarmos da primeira opção (multilingüismo com prioridade para uma língua), basta adicionar a este quadro uma preferência implícita por uma língua específica. Esses privilegiados, na *metáfora dos viajantes*, não precisariam, em vários casos, locomover-se, não precisariam de qualquer esforço. Bastaria que ficassem em suas cidades, à espera do outro, que se deslocaria, de onde quer que estivesse, a que custo fosse, para alcançá-lo.

A não ser que as línguas existissem em no máximo uma dezena – o que implicaria em um assassinato em massa de culturas (cada língua que some leva junto uma cultura, uma forma de ver o mundo) –, o ideal do multilingüismo está fadado para sempre a uma utopia irrealizável. Da busca da igualdade gera-se a impossibilidade de contato, de comunicação, e portanto, da discussão, do diálogo, atrapalhando, por fim, a própria busca da igualdade, visto que essa passa necessariamente pela compreensão. A diferença entre a primeira e a segunda possibilidade será estudada em parte da terceira alternativa.

Em um sistema bilíngüe existiriam ainda três sub-alternativas diferentes:

3.a – Elevar uma língua pátria à condição de língua internacional

3.b – Reviver uma língua já extinta para esse fim.



### 3.c – Escolher ou criar um projeto de língua planejada.

Fazer uso do bilingüismo seria inteligente, pois pouparia esforços em vários sentidos. Se todos sabem uma segunda língua, os cidadãos podem lançar mão desse instrumento, no momento em que se vejam diante de alguém que não compartilhe de seu código lingüístico pátrio. Em congressos internacionais, não precisaríamos de tradutores; todos poderíamos interagir de forma eficiente e não precisaríamos nos limitar a olhares e gesticulações que não permitem um conhecimento do outro e de sua cultura. Com um esforço incomparavelmente inferior ao atual, a humanidade poderia unir-se novamente, defendendo culturas e ampliando o mútuo entendimento.

Entretanto, escolher uma das três sub-opções denota um interesse político claro. Escolher uma língua pátria já existente seria, de acordo com a metáfora, como exigir que todos os congressos e reuniões internacionais fossem realizados sempre em um mesmo país, decisão tomada por algum motivo aleatório, ou mesmo por força política, militar ou econômica.

A esse *afortunado* país, convergiriam todos os interessados em tomar parte de discussões importantes a todo o mundo. Além disso, eleger uma língua pátria à condição de língua internacional seria alçá-la à condição de metrópole intelectual, isentá-la dos esforços empreendidos por todo o resto do mundo, e conferir-lhe possibilidades de lucrar de diversas maneiras com essa realidade. Representaria sobretudo a institucionalização da desigualdade, do domínio econômico, político e cultural, além imenso ônus financeiro para os países.

Reviver uma língua já extinta, como o latim, seria um contra-senso. A língua não se presta à comunicação internacional novamente, por diversos motivos: da fonética à morfossintaxe (PASSINI, 1995). Os esforços necessários para ensinar novamente o latim aos bilhões de habitantes do planeta tornariam o empreendimento infrutífero. Seria como utilizar uma antiga estrutura de uma grande cidade oriental para traçar as ruas e sistemas de transporte e saneamento, de uma cidade no século XXI.

Entretanto, dentro da *metáfora dos viajantes*, seria como escolher um ponto específico, o mais equidistante possível de todos os outros do planeta, e estabelecê-lo como ponto de encontro. No caso dessa opção de reviver o latim, seria um ponto, embora neutro, de certa forma não muito acessível.

A terceira alternativa, que envolve o planejamento de uma língua com o fim intrínseco de instrumento de comunicação internacional, demonstra-se inteligente sob todos os aspectos analisados durante o artigo. Na *metáfora dos viajantes* seria como ter



um ponto de encontro neutro e relativamente próximo de todos. A comunicação se faria de forma justa, sem realçar nenhuma língua ou cultura. O intercâmbio de conhecimento se daria de forma eficaz, e qualquer pessoa no exterior, em qualquer país, sentir-se-ia apta a estabelecer contato nos mais variados níveis.

## 6- Considerações finais

Dentre as soluções apresentadas durante mais de um século no sentido de planejar uma língua neutra para a comunicação internacional, destaca-se o Esperanto. Tornado público em 1887 pelo médico oftalmologista polonês Lázaro Ludwig Zamenhof, o Esperanto é um projeto que virou língua viva, transpondo os limites de um livro, e possui hoje números admiráveis: existem falantes do Esperanto em mais de 100 países do mundo, e, pelo fácil aprendizado, é ensinado em diversas escolas do globo, com especial destaque para a Hungria, e na internet em sites como [www.cursodeesperanto.com.br](http://www.cursodeesperanto.com.br), de forma gratuita.

Mesmo sem qualquer apoio governamental, esta língua já é hoje uma realidade, que merece ser estudada com mais afinco e menos preconceito:

Com uma gramática fácil, composta por apenas 16 regras, e vocabulário universal, constituído de um sistema de afixos, sufixos e radicais, o Esperanto permite ao novo esperantista uma comunicação rápida e eficiente. Tolstoi, Guimarães Rosa, Olavo Bilac, Upton Sinclair, Gandhi, Umberto Eco... Seriam necessárias diversas folhas para citar o imenso número de mentes brilhantes que aderiram ao Esperanto. Quando um exigente poeta parnasiano como Olavo Bilac diz que o “Esperanto é uma língua simples, harmoniosa e dúctil”, pouco resta para argumentar àqueles que resistem ao fato de o Esperanto ser língua viva e muito útil à literatura.

William Auld, poeta que escreve originalmente em Esperanto, foi indicado, por suas contribuições à poesia, por duas vezes ao Prêmio Nobel de Literatura. Em algumas bibliotecas da Europa, encontram-se mais de 50 mil obras em Esperanto, e, no site de buscas na internet Google.com, é possível localizar 53 milhões e 200 mil citações do Esperanto. (DINIZ, 2006)

Mais do que questões relativas à natureza do idioma, o Esperanto merece reflexão acerca dos valores e do projeto político que o ancoram – onde talvez residam as possibilidades de que a *comunicação lingüística internacional* deixe de ser patológica:

Além de idioma muito belo – e fale por mim o próprio Guimarães Rosa -, o Esperanto possui uma idéia interna de fraternidade muito intensa. Para cada povo, sua língua; para todos, o Esperanto. O lingüista Antoine Meillet foi no ponto exato ao dizer que, de certa forma, toda discussão teórica é vã: o Esperanto funcionou.



E é por isso que a humanidade, que tantas vezes se reuniu para buscar o melhor caminho para seus problemas, precisa, mais uma vez, pensar sobre este, que, talvez, colabore para a resolução de todos os outros. Quando cada pessoa do mundo souber, além de seu próprio idioma, o Esperanto, abrir-se-á para todos a possibilidade de que todos os habitantes do globo possam corresponder-se de maneira objetiva, clara e efetiva. (DINIZ, 2006)

## **7 – Referências**

DINIZ, Vinícius Werneck Barbosa. Desafio das línguas. **Tribuna de Minas**, p 2, 24/02/2006.

ONU. **Documento JIU/REP/80/7**.

PASSINI, José. **Bilingüismo: utopia ou antibabel?**. Campinas, Pontes Editores, 1995. 160p.

PIRON, Claude. **O desafio das línguas**; da má gestão ao bom senso. Campinas, Pontes Editores, 2002. 287p.

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998. 874p.